

Israel Pinheiro



Israel Pinheiro, que sempre foi avesso a publicidades e badalações, deixou um livro inédito e um diário pessoal com 15 volumes, contando de forma clara detalhes da construção de Brasília

A Construção de Brasília, contada por seu comandante

"O livro de Israel Pinheiro vem para colocar as coisas nos lugares certos. Definitivamente não se trata de mais uma versão sobre a construção de Brasília. Menos ainda exercício acadêmico de variações sobre o tema. É sumo puro. Só essência e substância. Elaborado, embora, sem pretensões, seguramente permanecerá como referência e fonte para todos os que, de futuro, queiram conhecer a verdade sobre a saga da construção de Brasília".

A revelação é do advogado e vice-presidente do Instituto Histórico Geográfico de Brasília, Fernando Tamanini, sobre o livro que o engenheiro, político, administrador e construtor de Brasília, Israel Pinheiro, escreveu logo após a inauguração da cidade (mas não publicou) narrando em detalhes episódios fundamentais da construção da Nova Capital. O livro, totalmente inédito, deverá ser publicado ainda este ano, provavelmente em abril quando comemorase o 24º aniversário de Brasília. Desde já é esperado com muita expectativa e, sem sombra de dúvidas, tem tudo para se transformar em um expressivo sucesso editorial em 1984, quer em Brasília onde cresce a cada ano o interesse pela sua memória, ou no restante do País. Há quem diga desde já, que o livro será imediatamente traduzido e republicado no exterior, onde ainda hoje existe um interesse muito "vivo" sobre o tema, pois Brasília continua sendo considerada uma das "obras do século".

Há anos que Fernando Tamanini, provavelmente o homem que mais conhece a história de BSB, trabalha nos originais deixados por Israel Pinheiro, morto em 1973. O livro — ou superlivro — está praticamente pronto e em breve estará no prelo. Tamanini prefere não revelar ainda o nome da editora, antes da família de Israel Pinheiro assinar contrato.

"O livro é suave, gratificante para quem lê e sem pretensões. Não deverá criar polêmicas pois é a verdade sem contestação", diz Tamanini que fez do seu trabalho de revisão um mergulho na história de Brasília. Uma Re-revisão.

Ao título original deixado por Israel Pinheiro — **Brasília: (no tempo, no espírito, na integração)** — os editores e organizadores deverão acrescentar outro título que dê a dimensão real da obra. Talvez uma chamada tipo: **A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA, PELO SEU COMANDANTE.**

O certo, porém, é que o livro terá cerca de 30 capítulos — inclusive um com uma linguagem totalmente poética, onde Israel Pinheiro descreve bucolicamente "A Paisagem" original do sítio onde seria construída Brasília —, dezenas de fotografias históricas e inéditas, uma série de depoimentos e entrevistas com pioneiros do período de construção, um apêndice com "fac-símiles" de todos os documentos ligados à construção e à transferência da Capital Federal; além de uma ampla biografia do autor a ser escrita pelo acadêmico Otto Lara Resende e um amplo artigo de reflexão do organizador da edição sobre o autor e sua obra. O livro deverá ter mais de 300 páginas e aquela beleza viva que estamos acostumados a sentir nos grandes trabalhos editoriais. Não tenha dúvida: para as cabeças pensantes desta cidade é aguardar e ler. (Luiz A. Toribio).

O livro de Israel Pinheiro deverá clarear episódios obscuros da construção. Aqui, o **Jornal de Brasília** publica com exclusividade dois trechos do livro, que tratam de assuntos bastante polêmicos. Os títulos são do organizador da obra, Fernando Tamanini e os textos demonstram o aguçado senso crítico de Israel Pinheiro

Israel "ditador"

"O entusiasmo e a compreensão de todos tornou possível, por outro lado, organizar-se o serviço dentro do sistema adotado, que evidentemente convinha ao meu temperamento mas também convinha à obra. Já ouvi dizer que Brasília foi construída sob regime de "ditadura". Oscar Niemeyer, de quem me tornei grande amigo, em referência cordial ao meu método de trabalho, não deixou de aludir ao que lhe parecia "minha maneira rústica de senhor de engenho".

Seria efetivamente "ditadura" o que se implantou como regime de trabalho nas obras da nova capital? Talvez. Mas não uma ditadura pessoal, não o arbítrio de um homem. Era a ditadura de cada um no seu setor, o regime da confiança mútua e da responsabilidade individual e coletiva. Não tínhamos tempo a perder com formalismos. Tínhamos o que fazer — e o fizemos. Os resultados servem de julgamento ao método de trabalho. *Tudo se passou como numa batalha.* A equipe se organizou sob uma hierarquia natural de combate, numa disciplina de guerra. Daí a falsa impressão de autoritarismo do comando. Na realidade o que havia era esse sentimento disciplinar imposto pelas circunstâncias e possibilitado pela confiança, a fé e o entusiasmo de cada um de nós, mobilizados para realizar a mais importante empresa de construção urbanística do século XX".

O espírito de Brasília

"Trabalhávamos em pleno sertão deserto, a mil quilômetros dos principais centros do País. O isolamento em que de repente nos vimos, com gigantesca tarefa a ser enfrentada partindo da estaca zero, terá contribuído para a solidariedade dos homens a quem a Providência reservara a felicidade do trabalho com alegria — o da criação. Havíamos deixado longe as preocupações do cotidiano, substituídas por missão excepcional que não admitia a idéia do malogro. Essas condições favoreciam a integração, a confiança recíproca, o respeito e a amizade. No ponto em que nos encontrávamos nada, vindo de fora, nos perturbava. Tudo convidava ao trabalho construtivo, à identificação com a tarefa, afastando ou atenuando conflitos e problemas de ordem pessoal".

Entre os "soldados" de Brasília, os que trabalhavam e trabalhavam, engenheiros, auxiliares de administração, operários e os próprios empreiteiros, uma única preocupação existia: a de vencer a luta, a de dar conta do recado, a de cumprir a missão. Essa determinação, esse sentimento de responsabilidade, essa esperança e a certeza do êxito afastavam cogitações de qualquer outra natureza. Não havia ambições pessoais, não havia preocupação de dinheiro, não havia emulações subalternas. Cada um dos que viviam nos canteiros de obras, qualquer que fosse sua função ou encargo, como que tomara férias de suas próprias ambições".

"Foi assim que surgiu o "espírito de Brasília" e foi com ele que se fez a nova e bela Capital. Em apenas três anos!"



Deputado Israel Pinheiro Filho mostra o pai na foto histórica de BSB

Político vitorioso, a verdadeira imagem

"Meu pai não foi somente um tocador de obra. Nem tampouco um simples engenheiro. Ele era acima de tudo um ser político. E graças ao seu dom político, de administrador nato e experiente, Brasília foi construída dentro do prazo determinado e hoje é esta realidade pulsante que nós vivemos. Não foi Juscelino quem fez nada disso. Ele era somente o Presidente. Quem lutou, planejou e construiu Brasília foi meu pai".

O desabafo é do deputado Israel Pinheiro Filho (PDS-MG), para quem é necessário acabar "de uma vez por todas" com a imagem de "tocador de obra" que se criou em torno de seu pai, Israel Pinheiro, presidente da Novacap durante o período de construção de Brasília.

Sobre uma recente declaração dada pelo arquiteto Gladson da Rocha, de que "o projeto original da avenida W-3 foi modificado por Israel Pinheiro", pois faltou-lhe "sensibilidade para projetar o futuro", além dele "estar interessado em vender imediatamente os lotes", Israel Pinheiro Filho foi buscar uma resposta junto ao arquiteto e urbanista Lúcio Costa, pai do "Plano Piloto".

Lúcio Costa

Lúcio Costa mandou uma breve carta para o deputado mineiro, datada de 6/11/83, onde afirma: "Naturalmente Brasília cresceu e sob vários aspectos não coincide com a cidade que imaginei no texto da memória descritiva do Plano Piloto. Mas, apesar disto, dou-me por satisfeito, porque muita coisa do que inventei ficou e, no meu entender, resultou numa cidade diferente onde, para quem já se integrou nela, é bom de viver".

Especificamente sobre as declarações do arquiteto Gladson da Rocha, de que Israel Pinheiro modificou o projeto original da W-3, diz Lúcio Costa:

"Quanto às referências equivocadas ao Dr. Israel Pinheiro, decorrem, simplesmente, do pouco contato pessoal do entrevistado com ele. Da minha parte, a impressão que ficou foi outra: num assíduo convívio aprendi a admirar e a respeitar esse honrado e generoso homem de ação; sem o seu dom inato de comando e a sua tarimba política, sem a sua capacidade realizadora e total dedicação, sem ele, em suma, não teria sido possível ao Presidente no tempo de que dispunha, construir Brasília".

Comandante

Está nos anais históricos: Juscelino Kubstcheck jamais poderia encontrar

outro homem que lhe servisse tão apropriadamente como "comandante supremo" da construção de Brasília. Neto de João Pinheiro, republicano histórico de Minas Gerais e atual "guru" político do presidente-geral Aureliano Chaves, Israel Pinheiro se formou em Engenharia de Minas e Civil em 1919. Foi o primeiro lugar dos formandos da Escola de Engenharia de Ouro Preto e como prêmio ganhou uma bolsa de estudo na Europa, onde morou três anos estudando Metalurgia na Alemanha. Voltou para Caeté, sua cidade natal, onde se dedicou à cerâmica "João Pinheiro". Em 1926 foi eleito prefeito de Caeté e em 1930 indicado para o Conselho Consultivo do Estado de Minas. Foi Secretário de Agricultura e Viação do governo Benedito Valadares. Em 1942, foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas para constituir e organizar e fundar a Companhia Vale do Rio Doce. Durante três anos, dirigiu e administrava a construção da famosa mina de Itabira, a estrada de ferro para transporte de minério e o Porto de Vitória. Essa experiência lhe valeu muito para os duros tempos de construção de Brasília.

Batalhador

Foi deputado federal na Constituinte de 1946 e em seguida secretário-geral e fundador do PSD — Partido Social Democrático. A partir desta data, na Assembleia Legislativa, começou a defender ardorosamente a transferência da capital para o interior. E histórico o seu debate com o deputado Euclides Figueiredo, pai do presidente Figueiredo, sobre o tema.

Israel Pinheiro continuou um firme defensor de Brasília em 1948, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954. Ele influenciou e sensibilizou diretamente Juscelino Kubstcheck para o famoso "compromisso de Jataí". Como se não bastasse, foi chefe da campanha presidencial de JK e presidente do PSD. Reeleito em 1954, renunciou ao mandato em 1956 para se tornar presidente da Novacap, empresa criada no governo JK para construir Brasília. Teve, então, a ousadia, para amenizar a oposição dirigida pela UDN de propor e marcar a data da inauguração da cidade antes de começar a construção. Cumpriu os prazos. Após a construção de Brasília, desgastado pela tarefa, recolheu-se a vida familiar e escreveu o livro que clareará a história da construção. Em 1966, fazendo uma campanha considerada "histórica" de apenas 19 dias, é eleito governador de Minas Gerais. Morre em 1973. (L.A.T.)